

4 & 1 QUARTO



R O M A N C E

RITA

FERRO



D. QUIXOTE

Ficha Técnica

4 & 1 QUARTO
Autor: Rita Ferro

Publicações Dom Quixote
[Uma editora do Grupo LeYa]
Rua Cidade de Córdoba, n.º 2
2610-038 Alfragide • Portugal

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor
© 2009, Rita Ferro e Publicações Dom Quixote

Revisão: Clara Joana Vitorino
ISBN: 9789722042826

www.dquixote.leya.com

«Quando o amor é grande demais torna-se inútil: já não é mais aplicável, e nem a pessoa amada tem capacidade de receber tanto. Fico perplexa como uma criança ao notar que mesmo no amor tem de haver bom senso e senso de medida. Ah, a vida dos sentimentos é extremamente burguesa.»

Clarice Lispector

I

Tremia, quando encostaram o carro à tua porta.

A corrida estava prestes a começar, só subiria para recolher um livro. Ofegava como um cavalo cansado quando galguei aqueles quatro andares a pé, nervosamente, e, suspensa num degrau, perguntei:

- Estás aí?

Era a primeira vez que te ouvia, a tua voz a sossegar-me:

- Claro!

Abrandeí a escalada tomada de uma sensação conhecida: uma vez mais alguém mudaria a minha vida. Não sabia até que ponto ias fazê-lo, mas soube logo que eras tu. Talvez tivesse adivinhado antes, mas era ainda tão inverosímil que não me dei crédito nem, lembro-me agora, tive tempo. Estavas ali, surgias antes de me recompor, era já naquele andar, tomara fôlego para mais degraus, mas não foi necessário. Expectante, com um olhar risonho, longinquamente retraído, enfrentando-me logo, evitando elegantemente encostar o olhar nalgum aspecto da minha indumentária ou numa só forma do meu corpo, como que a aceitar-me logo, sem restrições, foi esse o instante que o meu coração reteve e guarda como uma relíquia, Nuno, esse o momento em que te conheci e reconheci como alguém que me estaria destinado.

Pensei «é admirável», mas limitei-me a sorrir - estava assustada com os mil equívocos que poderia suscitar-te e já não ia a tempo de estacionar esta minha mente punitiva, persecutória, que raramente me dá descanso ou a que só tu, depois desse dia, felizmente, soubeste trazer algum.

Não perdemos tempo, pois tanto tu como eu compreendemos que uma palavra mal aplicada poderia

deitar tudo a perder. Apertaste-me nos braços com uma força premonitória e beijaste-me como se beijasses alguém conhecido. Arrepiei-me, pois compreendi no mesmo instante que seria difícil escapar a uma tal convicção. Depois, agarraste-me na mão e, sempre sem falar, mostraste-me a casa com uma expressão leve e afável, natural, familiar. O corredor, a sala, a cozinha, o escritório, a divisão onde pintas os teus quadros e o quarto das tuas filhas, quase nunca ocupado; deixaste o teu para o fim, não por ser aquele que, de tão íntimo, porventura me constrangeria. Ou a ti. Por ser ali a tua caverna, o teu camarim, o lugar onde a tua solidão se acomodava e onde só as paredes testemunhavam o uivo do teu sofrimento.

Era exemplar a tua casa – reparei depois – e as poucas peças de que não gostei não eram tuas, não tinham sido escolhidas por ti; foram-te oferecidas por clientes sem gosto ou abandonadas, talvez, por mulheres pretéritas.

Só tive tempo para balbuciar um «muito bem» apalermado e explicar que tinha pressa e que deixara amigos num carro encostado na tua rua, com quem combinara ir à tourada, pelo que não podia demorar-me; voltaste então a apertar-me nos braços e disseste-me sem abrir a boca que haveria tanto a contar que mais valia nada dizeres e beijares-me. Fizeste-o segunda vez, brevemente, porque o tempo era contado, mas entregaste-te tanto naqueles segundos de semente e veemência que te correspondi voluntária, já tua amante, mãe e filha, ainda estranhando a tua boca mas já totalmente irmanada à tua alma. Foi a degustar aquele beijo, aliás, que, mais tarde, entrei no Campo Pequeno acompanhada de dois amigos a sentir-me a mulher mais bela e requestada da Praça.

Na verdade, de cada vez que o cavaleiro volteava na areia, era os meus olhos que procurava, e de cada vez que espetava com garbo a bandarilha no touro e mirava o público em busca de aplauso era o meu, acima de todos, que implorava.

No dia seguinte – ainda os ouço, se fechar os olhos – acordou-me a estridência de centenas de pássaros berrando em algazarra na minha alma incrédula e só um banho quente me serenou.

– Um novo homem – pensei.

Deus sabe: só uma mulher madura e com um historial extenuante de esperanças e decepções pode calcular o suspiro que um pensamento destes lhe arranca às entranhas.

Eras já tu, Amor, com o teu cabelo ondulado e o teu ar de garoto fino e perverso, inteligente como só o meu pai mas mais vivo, mais ágil, mais incisivo, mais vigilante, a lembrar-me que tudo pode começar e recomeçar a qualquer momento, graças ao destino ou aos sortilégios da Vida, e a pedir-me também – melhor, a rogar-me – que to lembrasse doravante todos os dias do ano, sem excepção, até que Deus te levasse.

Estavas, andavas tão esquecido como eu.

Tinhas arrumado a vida na despesa juntamente com canas de pesca e estiradores desconjuntados e viajavas nela como um sonâmbulo, julgando iludi-la, roubando aos dias úteis algum tempo para, dizias, te dedicares a coisas inúteis. Dão-me gosto, dizias, mas não me dão prazer. O prazer é importante, pensava eu, enquanto me confiavas a alma com a cabeça entalada nas minhas pernas – barriga para cima, olhar fixo no estuque – quando enfim nos fartávamos e os nossos corpos já não conseguiam acompanhar-nos nem nos sobrava uma só gota de fluido para adoçar as feras em que nos tornávamos.

– Somos bichos, Amor?

– Nunca tive dúvidas.

– E os livros?

Era então que me lias poemas inteiros do Byron e me contavas a sua vida, o defeito na perna, a loucura perigosa, as inúmeras amantes e as alegações de incesto com a irmã Augusta, a quem terá feito um filho – lembras-te?

Lias bem? Não, não lias bem. Lias depressa, demasiado depressa, e num tom baixo, exasperantemente baixo, como se só o fizesses para ti, com uma dicção cerrada de mais para vencer o meu sono. Mas do que eu gostava realmente era de te fazer perguntas e de me impacientar com as respostas:

- Como interpretas isso?
- Como interpreto ou como leio?
- Não me chateies, Nuno. A esta hora?

(Nunca me maçavas. Era eu, apenas, a disfarçar o sentimento de inferioridade que, sem querer, me transmitias.)

- Não, é que são coisas diferentes.

E rias-te:

- Lembras-te do Nabokov?
- O da Lolita?
- Sabes que estudou em Cambridge?
- Não, Nuno, não sabia - dizia, já enervada.

E beijavas-me o pescoço tão bem que me fazias esquecer quem era, onde estava e como me chamava. Sabes, Amor, sempre te disse que o que mais aprecio no sexo é o esquecimento que ele nos faculta.

- O esquecimento?

Sim, querido: aquela coisa de o tempo parar e, em nossa honra, a terra deixar de rodar.

E explicava-te:

- Repara, a cabeça não descansa nunca, nem a dormir é possível desligá-la. Mas enquanto me beijas, enquanto me devolves à condição de bicho, enquanto me reviras os olhos e trazes o diabo para a nossa cama, enquanto tu ou ele me assaltam - pois pouco importa averiguar quem ali nos faz feliz - o cérebro apaga-se realmente e o cenário é um lago ou o céu reflectido nele, e, para que se chegue enfim à candura suprema, toda a sordidez quase não basta.

- Quase, sim, tens razão.

Não duvides, Amor. Não chega um homem. Não chegas tu. Não chegam dois nem três nem cem iguais a ti nem outras tantas mulheres ou mil outras combinações que possam arranjar-se, pois o fim de qualquer coisa superlativa como a nossa é sempre triste, como a morte quando surge a meio de um amor que se não quer largar.

Foi assim, então, exactamente assim – erguida como um cálice, levitada como um místico – que te conheci através da tua boca e do teu quarto de dormir e da tua cama onde quis logo deitar-me, não para nos devorarmos – nem pensei nisso, confesso – mas, pelo contrário, poder marcar território, lugar para acordar contigo e a teu lado morrer – foi isso: senti que era ali, e por isso percebi que era tão sério aquele nosso encontro acelerado, desajeitado, que era ali (não te rias, por favor não te rias) que me caberia, afinal, morrer.

E tudo isto, querido, muito antes de podermos adivinhar a chegada primeiro do Inácio e depois da Carlota e do peso com que, parecendo o contrário, carregariam as nossas vidas.

Com o Inácio foi fácil.

Era veterinário – ou imobiliário? – e, mal entrou aqui, encandeou-o toda esta sofisticação. Ficava, tal como eu, perdido a ouvir-te, e foi-se deixando estar aos serões, tenho a certeza, porque nós próprios nos fomos esquecendo dele.

Era opressivamente silencioso.

Assistia às nossas discussões fingindo-se indiferente, folheando os livros da mesa defronte do sofá azul, mas, tenho a certeza, não fixava nem uma das imagens do Almada ou da Rego; detinha-se ali, suspenso nas tuas palavras, efabulando através do que dizias, o que era tanto e tão variado que extasiaria a mais enfadada das princesas otomanas. Passavas do florescimento das antúnias aos escravos do Benim, da correspondência do Boris Pasternak às aventuras do Hergé, do esqueleto de um leopardo no cimo do Quilimanjaro à pesquisa de ouro em Penedono,

«meio século depois da desactivação das minas», como se isso nos interessasse alguma coisa, e tudo isto sem transição, pelo que deveríamos fazer um esforço não só de ouvido, também gramatical, tendo atenção à pontuação e aos tempos dos verbos para te ir seguindo, porque não nos deixavas respirar para assimilar nada do que dizias e toda a informação nos chegava como água da fonte a jorrar sobre mãos em concha, escorrendo depois para o chão, desperdiçada, deixando-nos maravilhados e também aturdidos, sem certezas de ter retido alguma coisa, mas certamente rendidos ao teu génio e à capacidade de armazenagem dessa tua cabeça portentosa.

Tem graça, Amor, nunca, por um momento, me ocorreu que Inácio pudesse estar embevecido por ti e muito menos por mim. Atribuí-lhe sempre uma inveja profunda, não no sentido etimológico ou bíblico, antes emulativo, pelo desgosto que sentiria por não ter tido acesso à tua instrução.

Um dia deixou-se ficar, numa das raras noites em que te confessaste estafado e te deitaste mais cedo, e comoveu-me tanto o ar órfão que lhe surpreendi depois de recolheres ao quarto que, com toda a ternura que consegui recrutar, me aproximei da sua nuca e, surpreendendo-o por trás, beijei-a. Nunca te contei, pois sabia que não darias qualquer importância ao episódio, a menos que o tivesses sabido por terceiros – às vezes, com os homens, é assim. Na verdade, a expressão foi a de quem apenas se espantou, mas tu sabes como as mulheres são generosas: perante a nossa abundância – minha e tua, bem entendido – achei que lhe devia aquele mimo.

Expliquei-lhe então que toda a tua cintilância não te chegara do céu como uma graça do Pentecostes nem tão-pouco te fora legada, sorvida do peito da tua mãe ou herdada juntamente com pratas e pergaminhos – nada disso; que lutaras por ela, duramente, como a custódia de um filho, e que, não tendo tu, nem por sombras, o perfil de

um autodidacta, tinhas lido e visto e observado como um alucinado, roubado ao sono, às mundanidades e às dioptrias horas e horas de leitura e de vigília, primeiro por orgulho e disciplina e só depois, gradualmente, por paixão. Mostrou-se espantado, convencido de que serias um filho-família, antigo aluno dos jesuítas, por exemplo, com avós ingleses que explicariam o teu inglês de Mayfair e estudos extraordinários na Sorbonne que sustentassem a tua fluência em francês. Quando percebeu que não se tratava disso, em lugar de se alegrar, calcula tu, pareceu-me ainda mais desanimado:

- Então é porque é mesmo dotado!

Não consegui desmenti-lo, pois tinha razão, e foi aí que, num impulso, tive aquele gesto de carinho. Pensei que a mim nada custava e que ia enchê-lo de alegria, só que as pessoas não são tolas e ele tomou-o por esmola - seria? Com um esgar artificial, ainda se deu ao luxo de ralar:

- Não era preciso.

Com a mesma atrapalhação pedi desculpa e disfarcei.

No dia seguinte, temendo que não voltasse, indaguei-me sobre o motivo por que gostaria eu que ele viesse todas as noites presenciar, por assim dizer, o nosso serão, retirando-se sempre antes do nosso cansaço, para nos deixar livres e ainda despertos, quem sabe, para a nossa intimidade. Seria que a presença de um terceiro lá em casa agradaria a alguma fímbria inconfessa do nosso exibicionismo? Não sei. Sei que ao tocar à porta, na noite seguinte, tanto tu como eu nos alegrámos.

Indaguei-te, já não te lembras:

- Porque gostas tu que ele venha sempre?

Cruel, não demoraste um segundo a responder:

- Não sei. Não havia nenhum relógio de pé alto aqui em casa, pois não?

Tudo começou por um acidente inocente. Tínhamos esfriado um com o outro por causa de uma ninharia

qualquer e aproveitámos a presença dele para desanuviar e fazer as pazes, lembras-te?

Ele, que já se tinha apercebido, na véspera, da nossa tensão, e cujo humor, com o tempo de permanência ali em casa, já reflectia, como um barómetro, os nossos estados de espírito, regozijou-se infantilmente com as nossas tréguas celebrando-as com uma oferta inesperada: uma garrafa de bom champanhe que bebemos em menos de uma hora, antes de abrirmos um *whisky* velho que, «apesar de tudo», disseste, «é mais novo do que nós». Assim, ficámos os três a bebericá-lo até às tantas da manhã, quando, não sei se por já estares toldado se por um arroubo dos teus – hedonista, escabroso – te agarraste a mim e resolveste abraçar-me à frente dele. Alarmada, ainda tentei escapar-me, mas investiste tanto naquele beijo que fraquejei, e, às tantas, conseguiste mesmo que me esquecesse da presença dele ali, à nossa frente, a menos de dois metros, sentado no sofá de cabedal onde costumavas esventrar os envelopes das revistas que assinas, assistindo ao espectáculo com uma estupefacção que, vejo agora, deve ter-te esporeado. A meio daquele delírio tão breve, e penso não estar a enganar-me, lembro-me de ter surpreendido o teu olhar fixar-se por dois ou três segundos no dele, mas não dei importância. Sempre me rendi aos teus beijos e, naquele momento, reconheço que a ideia de estar a ser observada por um estranho não me foi desagrável. O resto passou-se depressa e, tem graça, depois de tudo o que aconteceu, de todos os excessos e abismos que decorreram dessa tua ideia peregrina, ainda hoje me causa incómodo, e também algum remorso, lembrar-me das sucessivas expressões que lhe fui surpreendendo, assistindo à diversão com que o brindámos: primeiro os beijos na boca e na cabeça, o desprender do cabelo, o desapertar da blusa, depois as festas demoradas no meu peito e, logo a seguir, o teres-me estendido no sofá e me teres tomado à frente dele

perante os meus gemidos de súplica em dois sentidos contrários: para que parasses, para que prosseguisses.

Sei o que nos encorajou a avançar, sei mesmo, aparentemente sem consideração por ele. Inácio chegou a levantar-se para abandonar a sala e sair porta fora, mas tanto tu como eu simulámos tão bem não darmos pela sua presença que voltou a sentar-se e a servir-se de mais *whisky*, enterrando-se na poltrona para nos olhar sem ser visto. E quando tu, já embalado, não sei se incendiado pelo meu retraimento à luz dos lustres, duplamente despida pelas tuas mãos e o olhar de um estranho, te ajoelhaste no tapete para me abocanhares os cotovelos como um vitelo esfaimado, vimo-lo ambos agitar-se na cadeira, já perturbado, os olhos brilhantes, a gravata retirada, a mão pousada no sexo talvez já escondendo a tumidez, com três ou quatro botões da camisa desapertados, olhando para nós como um cão esperando a ordem do dono, humilhado, excitado e suplicante.

Foi então, Amor, que tudo começou. Silencioso, apenas por via de uma leve interrogação do olhar, das sobrancelhas, do queixo, consultaste-me sobre se eu me importaria que ele se nos juntasse, ou se, estando eu tão feliz, correria o risco de diminuir pouco que fosse toda aquela intensidade com a adesão de um novo figurante àquela cena, ou, ainda, se não me encontraria já no ponto exacto de vulnerabilidade para considerar estimulante a inovação. Cedi semicerrando os olhos, e foi o que bastou para lhe estenderes o braço, incitando-o, e para que ele, tremendo, se aproximasse de nós a cambalear e, ajoelhando-se a teu lado, comesse, primeiro tão timidamente como um adolescente, e depois tão alucinadamente como um doente de manicómio, a tocar-me também, sob as tuas imperceptíveis, mas precisas, induções.

Foi, talvez, a melhor noite dos últimos meses, porque costume deixar-te amar-me mantendo os olhos fechados, e,

daquela vez, ao ver que Inácio se aproximava, cerrei-os logo, e ainda com mais convicção, pelo que pude simular na perfeição que nunca por nunca dei conta de que ele se nos juntara nem que distinguia entre as festas e os beijos recebidos os que vinham dum e doutro. É claro que não me deixei enganar, pois a tua pele é mais áspera por causa da barba que já te irrompe àquela hora e a dele a dum quase rapaz, porque as pontas dos teus dedos são secas e ágeis como as de um pianista e as dele transpiradas e gordurosas como as de um estudante virgem, e, ainda, por causa dos sopros que ali se distinguiam como berços: tu jantaras perdiz estufada e vinho tinto aveludado, adoçando as especiarias, ele uma receita frugal, quase apostaria, acompanhada de cerveja, o que me permitia saber, ao decímetro, em que partes do meu corpo se detinham.

Curioso: nunca até hoje me perguntaste se aquilo me dera gozo, pelo que ainda hoje acredito que era por ti que o fazias. Não interessa: foi bom. No fim, tanto me acarinharam que foi fácil fingir que adormecera para, segundos depois, adormecer realmente, nua, no sofá, coberta apenas com o último lenço de seda que trouxeras de Paris, sem ter de ler na vossa expressão sinais de contrição ou simples embaraço.

Senti, confesso-te, a maior curiosidade em perguntar-te, no dia seguinte, como se tinham encarado ambos, no fim da noite, já sóbrios e livres de aturdimento. Ou seja: se Inácio te pediu desculpa, com aquele esgar um pouco subalterno de se relacionar contigo, como se fosse teu assalariado, ou se estive à altura do momento, sabendo que jamais se prestaria àquilo se, de alguma forma, o não tivesses encorajado.

Mas nada me disseste.

Chegaste a casa no outro dia como sempre chegas, ou seja, surgindo a horas imprevistas, e só estranhei teres-me oferecido rosas nessa tarde, coisa que nunca por nunca

fazes a não ser quando faço anos ou, tão raramente, me encontro adoentada.

II

Passou tão pouco tempo e – pena – já não sei reconstituir o que me foi prendendo a ti. Às investidas clássicas de certas curiosidades pouco ou nada me apetecia responder, baseada naquela velha ironia de que só devemos discutir quando nos achamos sem razão. Não queria provar nada nem alongar-me em descrições, pois talvez pela primeira vez na vida não sentisse essa necessidade.

– É um homem.

– Sim. Mas como é?

– Gosto dele.

– Mas que tem este que te fez sumir do Mundo?

– Tem o Mundo.

Ainda hoje me pergunto como conseguiste, em tão pouco tempo, transformar uma mulher mundana, saliente, histriónica, céptica, cínica e caprichosa num ser cordato, meigo, rendido e maravilhado.

Não sei, Nuno.

Talvez seja uma sensibilidade tão grande que tanto pode fazer com que sacrifiques a vida como assassines alguém, e um sentimento de superioridade tão altivo e esteta que, ao limite, prefere a pobreza e a marginalidade à mediocridade, à venalidade e à banalidade.

Que queres que te diga?

Na primeira vez em que estivemos juntos, em tua casa, descobri que o sexo era uma réplica da vida tão perfeita que era possível, não saindo da intimidade de um colchão, viver o que os outros vivem, se não mais.

Fomos tudo nessa noite, lembras-te?

Viajámos retroactivamente até ao útero das nossas mães e soubemos quando, onde e de que modo sofrêramos;

fomos irmãos, amigos, leitores, pais e mães um do outro, e até psiquiatras quando me perguntaste:

- Falaremos desta cicatriz daqui a um ano, só, e nessa noite comprar-te-ei um vestido lilás.

Chorámos juntos, tenho a certeza. Não sei bem se houve lágrimas, mas não importa: sei que, à tua maneira, me agradeceste por isso - há quanto tempo não choravas?

Depois, foi isto.

As tuas mãos douravam tudo à passagem e, no fim, transformaste-me em estátua. Nunca, depois dessa noite primeira, voltei a ser de carne e osso. Ou melhor: humanizas-me sempre que me tomas nos braços, mas depois devolves-me à condição de deusa, e as pessoas que se relacionam comigo no dia-à-dia - do canalizador à amiga íntima, da sobrinha ao zelador do prédio onde moramos -, quando me interpelam, é sempre como se viessem adorar-me.

Transformaste tudo, Nuno!

Todas as portas se abriam magicamente para te receber. Eras um príncipe e eu uma princesa, e o que se passava lá fora importava tanto como o que ocorrera há dez mil milhões de anos, no princípio do homem, ou viesse a ocorrer daí a outros tantos, no fim ou num novo princípio, ali ou noutras galáxias!

Só nós dois existíamos.

Talvez por isso - e ainda vou tirá-lo a limpo - sempre que me deixas, ainda hoje, na cama ou fora dela, o meu olhar anoitece mais cedo do que o dia, muitas vezes com o sol ainda raiando quente, tão quente, ofuscando o teu olhar ainda épico e iluminando o retrato da minha mãe que, por teimosia tua - ou preguiça, que é mais grave ainda - morreu sem nunca chegares a conhecer.

Depois, extasiam-me os teus contrastes.

Pasma-me que alguém que resplandece de vida como tu, com uma mente fervida em magma onde as ideias se batem e desmentem, renovam e reciclam numa ebulição

permanente, possa apresentar-se aos outros com esse ar simultaneamente asceta e lacustre, silencioso e imponderável. Gostava, se me provasses que reparas em alguma coisa, que atentasses na forma como entras em casa: chegas silencioso como uma sombra e deslizando como um patinador. Assustas-me quase sempre e transito do sobressalto ao júbilo de te reencontrar todos os dias, ó adorado, e desconfio que esse assombro que sempre me causas nasce do propósito mordaz de me amedrontar – será possível, Amor, tanta vileza?

Outro contraste: a importância do teu cargo no ministério e a total ausência de pose. Penso mesmo que requintaste essa atitude a um ponto de sadismo que só a ti diverte, o que considero de um snobismo superlativo de tão escarninho, privativo e encoberto. Em festas e recepções, quando, à tua volta, todos se digladiam para puxar dos galões e trocar referências para se abonarem, tu fazes gala do contrário, embaraçando-me por razões inversas. Lembro-me do último jantar na Ajuda, em que te perguntaram se conhecias o Vinailes, um vinho português eleito O Melhor do Mundo num certame realizado em Paris, que ainda uma semana antes trouxeras para bebermos ao jantar, e a que respondeste, imperturbável, sabendo que passarias por ignorante perante aquele chusma de pretensiosos que rodeiam o Gabinete e sem sequer pretendendo ter graça:

– Está a referir-se ao escritor?

Confessa: adoraste deixar toda a gente atrapalhada, receando admitir que jamais tinham ouvido falar de um autor com o mesmo nome, rindo-te interiormente da perfídia, conservando apesar de tudo o bom senso de não enfrentares o meu olhar fulminante.

E o mesmo se passou, mas ao contrário, com o *carpaccio* que todos gabaram, na terça-feira passada, naquele restaurante napolitano fronteiriço ao rio, quando ninguém vira ainda a exposição do Tyssen:

– E conhece o pintor homónimo disso que está a comer?

Vou contar-te, Nuno, outra coisa que pode unir-nos.

Um dia, apresentei à família um namorado que arranjei com a finalidade única de lhe agradar. Não tinha nada que o recomendasse, a não ser uma pedra de armas verdadeira, à entrada de um vinhedo no Minho, maneiras à mesa e uma forma de se vestir digamos que repousante. Mas jogava ténis. Como sabes, todos os meus irmãos o praticam desde pequenos, aprendido nas férias com professores conhecidos dos velhos e caducos lugares de veraneio, da mesma forma que o meu pai jogara, e o meu avô, e o pai deste também. Assim, quando o apresentei ao Estêvão, o primogénito, tenho a certeza de que toda aquela ligação que sofri estupidamente e se estendeu por mais de um ano, totalmente desnecessária na minha vida e na minha formação, foi para ouvir deste, no momento em que o apresentei, uma proclamação jubilosa deste tipo:

– Até que enfim alguém normal, onde é que costumavas jogar?

Namorei com ele e aturei-lhe os ciúmes oito meses, calcula tu, só para que o meu irmão mais velho depreendesse, e mal, pelos gostos desportivos daquele meu namorado – e seu novo parceiro aos sábados, no Restelo – que eu andava a ganhar juízo na vida.

Connosco, o caso é mais sério: tenho a certeza de que agrada diariamente ao meu pai, que já morreu há mais de vinte anos.

É verdade: depois de todo aquele tempo em que, entubado no hospital, o vi partir, imagino-o sentado no Céu, interrompendo constantemente a decifração dos manuscritos que levou consigo, preocupado com o que faço na Terra. Nunca, até hoje, aprovou algum dos homens que, por bem ou mal, se abeiraram de mim. Conheceu dois dos que amei enquanto durou a sua vida, e todos os outros depois de morrer, mas nem os primeiros nem os últimos lhe têm permitido gozar do Céu como merecia, o que me causa

um tipo de escrúpulo omissos nas expiações de qualquer livro sagrado.

Adorava-me, sabes, e nunca te falei dele.

Ligava-nos um amor estranho que excluía a minha mãe, e só uma vez senti que rivalizava com ela. Foi uma fraqueza dele, apenas uma, e é a primeira vez que falo disto.

Uma vez jantámos sozinhos num restaurante e, como dali seguiria para um programa de amigos, já divorciada, arranjei-me de uma forma desapropriada para quem acompanha um pai, talvez decotada ou com as saias demasiado curtas, não me lembro – na altura nem me ocorreu, confesso, o que hoje me parece sadio. Assim, mal entrei no seu carro, olhou-me desprevenido pela primeira vez e, logo a seguir, o seu olhar ensombrou-se:

– Vá, entra lá. Por pouco não te conheci...

Guiou calado até ao restaurante, e eu, a seu lado, viajei sempre envergonhada como uma rameira numa missa de domingo, com a igreja à cunha de casais e filharada. Depois, quando estacionou o carro, e saímos ambos, caminhando em direcção ao restaurante, a minha alegria esqueceu-se e reinvestiu de forma natural, mas ele ia desconfortado de me levar naquela figura, atraindo os olhares dos homens rudes e os dos outros também, pelo que, sempre que eu lhe falava e ele me respondia, evitava fixar os olhos em mim, o que me atingia como um soco na cara ou um insulto de rua.

– O pai já viu as novas carruagens da CP?

Respondia apressado e distraído, passando os olhos a correr no meu decote:

– Já vi, já.

– E gosta?

– Não sei, filha, sei lá! Nunca me deu para gostar de comboios!

O carro ficara longe e, de repente, castigada por aquela via-sacra, chegou a minha vez de perder a naturalidade e

de me calar. Assim, já distraída e a pensar noutra coisa, fui novamente chamada à realidade e desta por ele:

- Olha lá, ó Teresa...

- Sim?

- Tu achas que quem nos vê juntos pode pensar que somos um casal?

Julgou-me nova para perceber o sentido oculto da pergunta, mas enganou-se, e fiquei subitamente triste, tão triste:

- Não sei, pai. E que lhe interessa isso agora?

Interessa que aquela pergunta ainda hoje me dificulta a tarefa de pensar nele unicamente como filha, e tenho a certeza absoluta de que ele não imagina, não concebe mesmo, a forma como aquele trajecto manchou ou, pelo menos, determinou o meu crescimento - ou agora já saberá?

Custa-me dizê-lo, mas nunca mais voltei a sustentar o seu olhar com naturalidade, nem a ver nos seus olhos líquidos a mesma transparência.

Podia não te ter contado isto, mas, repara, era importante para que te apercebesses de que o meu pai, sobretudo este que conheci depois daquele jantar, em que comemos carabineiros e onde ele ainda tentou oferecer-me vinho, naquela noite, tivesse uma preocupação acrescida sobre o homem que me estaria destinado.

Tinha mais filhas, claro, mas nenhuma exuberante a vestir-se e a pintar-se como esta que te coube, e, pouco a pouco, se foi arranjando cada vez mais discretamente - não reparas?

Tudo isto para que te dês conta, Amor, do que ele deve ter sofrido, sem nada poder dizer de muito explícito, ao ver-me com companhias incultas, de uma rusticidade ofensiva para uma linhagem erudita como a dele, entendes? Seriam boas pessoas, está bem, e ele, como cristão, não teve argumentos sérios, nem para a mulher nem para mim, nem, sobretudo, para ele próprio, para mas desaconselhar. Mas

notava-se nele uma melancolia, um cansaço, uma preguiça imensa quando os saudava, por saber que nenhum deles, de facto, merecia a sua menina, ou aquela mulher que, por azar ou injustiça, calhara ser sua filha:

- Ah, sim, viva! Como está?

Tu és diferente e se, por um lado, lhe agrada saber-me enfim acompanhada de uma sensibilidade excelente, que me segue e vela, às vezes dou comigo a pensar sobre se terá ciúmes teus.

Não o censuro.

Era um homem de uma inteligência incomum e ao mesmo tempo prosaica no dia-a-dia, o que o tornava encantatório aos meus olhos e estabeleceu para sempre, no meu imaginário, um modelo insuperável por qualquer exemplar de carne e osso.

Ainda ontem percebi isso, Amor, quando, uma vez mais, me espantaste.

Sabes que sou mulher ardente na intimidade, fervorosa mesmo, mas de rendição difícil, e que nem tu, com o teu génio e a tua prestidigitação admiráveis, consegues, quando queres, mostrar-me o cosmos. Não sei por que me custa chegar, mas sabes que jamais reclamo os grandes finais apoteóticos, pois tudo o resto é tão desvairado, extremo e transgressor, que já quase prescindo deles.

Mas ontem conseguiste.

Não esperava e agarrei-me a ti a tremer, suplicando-te que me não tocases até àquilo passar - a mesma sensação de umas mãos molhadas em contacto com um fio descarnado - fruindo cabalmente animalizada aquela epifania solitária e integral, egoísta - e tu, sempre majestoso, deitaste-te renunciando à explosão que já se avizinhava do teu lado, magnânimo, para, só depois, ao veres-me enfim aquietada, me agarrares como a um bezerro transviado para resgatares enfim o teu epílogo, seguro e primevo, levantando a cabeça em direcção ao